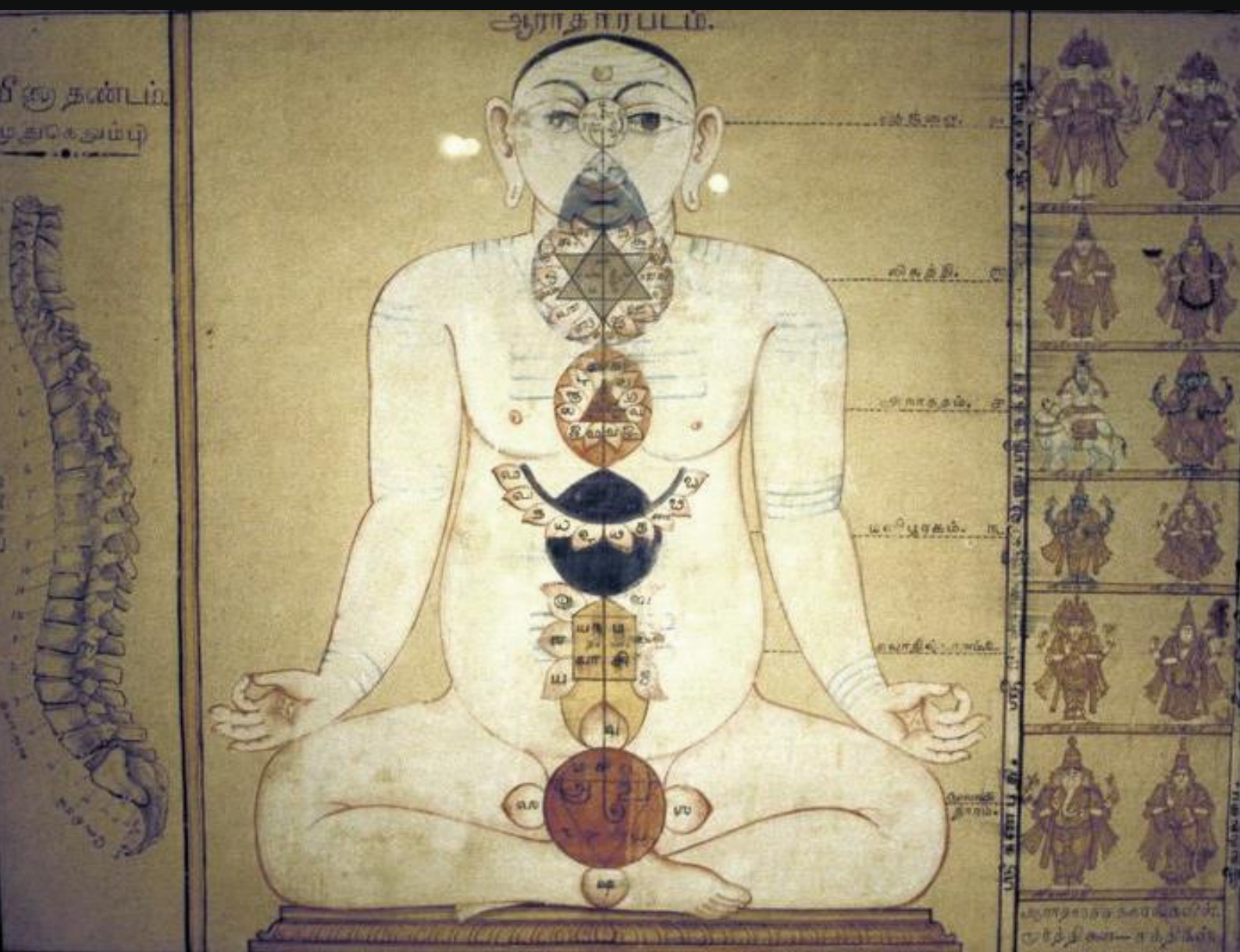


A Verdadeira História dos Cakras

Christopher Wallis



editora
svarupa

A Verdadeira História dos Chakras

Autor

Christopher “Hareesh” Wallis

Tradução Inglês-Português

Pedro Lemme

Revisão e diagramação

Gabriella de Alarcón Guimarães

Imagem da capa

Disponível em:

<https://hareesh.org/downloads/the-real-story-of-the-chakras>

São Paulo: Editora Svarupa, 2021



Original em inglês disponível em: <https://hareesh.org/blog/2016/2/5/the-real-story-on-the-chakras>

É permitida a reprodução parcial do conteúdo deste trabalho e sua difusão, desde que citada a fonte.

A Verdadeira História dos Chakras

Christopher “Hareesh” Wallis

5 de fevereiro de 2016

Tradução para o português:

Pedro Lemme

AS SEIS COISAS MAIS IMPORTANTES QUE VOCÊ NUNCA SOUBE SOBRE OS CHAKRAS

Nos últimos cem anos, o conceito de chakras, ou centros de energia sutil no interior do corpo, tomou a imaginação ocidental mais do que praticamente qualquer outro ensinamento da tradição do Yoga. No entanto, assim como a maioria dos conceitos que derivam de fontes sânscritas, o Ocidente (com exceção de um punhado de estudiosos) falhou quase completamente em compreender o que o conceito de chakra significava em seu contexto original e como se deveria praticar com eles. Este texto procura retificar, em algum grau, essa situação. Se você está com pouco tempo, você pode pular os comentários sobre o contexto que farei abaixo e ir diretamente para a lista de seis fatos fundamentais sobre os chakras que os yogis modernos desconhecem.

Primeiramente, como definimos ‘chakra’? Nas tradições tântricas, de onde o conceito deriva, *chakras* (*cakra*, em sânscrito) são pontos focais para meditação no interior do corpo humano, visualizados como estruturas de energia que se assemelham a discos ou flores nos pontos em que um conjunto de *nāḍīs* (canais ou meridianos) convergem. Eles são estruturas conceituais e, no entanto, baseados experientialmente, uma vez que tendem a ser localizados onde os seres humanos experienciam energia emocional e/ou espiritual, e assim as formas com que são visualizados refletem experiências visionárias vividas por meditadores.

(Eu disse acima que o Ocidente, até o momento, falhou em compreender os chakras. Deixem-me esclarecer que por ‘Ocidente’ eu não me refiro somente à cultura euro-

americana, mas também aos aspectos da cultura indiana moderna que são informados pela matriz cultural euro-americana. Como atualmente é praticamente impossível encontrar uma forma de yoga na Índia que *não* seja influenciada por concepções euro-americanas de yoga, quando uso o termo “Ocidental”, também incluo a maioria dos ensinamentos sobre yoga na Índia atual em língua inglesa.)

Ok, vou ser direto: a maior parte do yoga ocidental não compreendeu quase nada do que a tradição original considerava importante sobre os chakras. Veja, se você lê um livro como o famoso *Wheels of Life*, de Anodea Judith, ou similares, é muito importante ter consciência de que você não está lendo um texto sobre filosofia do yoga, mas de ocultismo ocidental, baseado em três fontes principais: 1) textos anteriores sobre ocultismo ocidental que tomam emprestados termos em sânscrito sem realmente compreendê-los (como *The Chakras*, do teosofista C.W. Leadbeater, de 1927); a tradução incorreta de John Woodroffe de 1918 (sob o pseudônimo ‘Arthur Avalon’) de um texto sobre chakras escrito em sânscrito em 1577 (mais sobre isso adiante); e 3) livros do século XX escritos por gurus indianos do yoga que, por sua vez, são baseados nas fontes 1) e 2). Livros sobre os chakras baseados em compreensão aprofundada sobre as fontes sânscritas originais só existem, até o momento, no mundo acadêmico.

“Mas isso importa?” yogis me perguntam. “Eu me beneficieei tanto do livro de Anodea Judith e outros como ele, não tire isso de mim!”

Eu não vou e eu não posso. Qualquer benefício que você tenha recebido é real, não importando sua fonte, se você assim o considera. Só estou aqui para dizer duas coisas: a primeira é que, quando autores ocidentais modernos falando sobre chakras insinuam que estão apresentando ensinamentos ancestrais, eles estão te enganando - *mas eles não sabem que estão*, porque não são capazes de avaliar a validade de suas próprias fontes (já que não leem sânscrito). A segunda, para aqueles que têm interesse, é que estou aqui para contar um pouco sobre o que os conceitos yóguicos significam em seu contexto original (porque sou um sanscritista, e também um praticante que por acaso tem uma predileção pelas formas tradicionais). Só você pode avaliar se isso traz algum

benefício para você. Não estou afirmando que o mais antigo é intrinsecamente melhor. Não estou tentando insinuar que não há nenhum valor espiritual no ocultismo ocidental. Só estou abordando a verdade histórica, em palavras simples, da melhor forma que posso. Então agora sigo adiante: **os seis fatos fundamentais sobre os chakras que os yogis modernos desconhecem.**

1. NÃO HÁ APENAS UM SISTEMA DE CHAKRAS NA TRADIÇÃO ORIGINAL, E SIM MUITOS.

Tantos! A teoria do corpo sutil e seus centros energéticos chamados *cakras* (ou *padmas* (lótus), *ādhāras*/suportes, *lakṣyas*/pontos focais), etc.) vem da tradição do Yoga Tântrico, que floresceu entre os anos 600 a 1300 da Era Comum (“E.C.”), e ainda hoje permanece viva. No yoga tântrico mais tardio (a partir de cerca do ano 900), *cada um* dos muitos ramos da tradição articulou um sistema de chakras diferente, e alguns deles articularam mais de um. Há sistemas de cinco chakras, seis chakras, sete, nove, dez, doze, vinte e um, ou mais chakras, dependendo de qual texto e de qual linhagem você consultar. O sistema de sete chakras (ou, tecnicamente, 6 + 1) que os yogis ocidentais conhecem é apenas um entre muitos, e se tornou dominante por volta do século XVI (ver o item #4 abaixo).

Agora, eu sei o que você está pensando - “Mas qual sistema é o correto? Quantos chakras existem, realmente?” E isso nos traz ao nosso maior mal-entendido. Os chakras não são como os órgãos no corpo físico; não são fatos fixos que podemos estudar como os médicos estudam os gânglios neurais (com os quais os chakras foram confundidos no século XIX). O corpo energético (*sūkshma-sharīra*) é uma realidade extraordinariamente fluida, como podemos esperar quando se trata de algo não-físico e suprasensível. O corpo energético pode apresentar, falando experiencialmente, qualquer número de centros energéticos, dependendo da pessoa e da forma de yoga praticada.

Dito isso, há alguns centros que são encontrados em todos os sistemas: especificamente, no baixo ventre ou centro sexual, no coração, e no topo da cabeça (ou próximo), uma vez que esses são três locais no corpo onde pessoas de todo o

mundo experienciam fenômenos emocionais e espirituais. Mas, para além destes três, há uma variedade enorme nos sistemas de chakras que encontramos na literatura original. Um não é mais “correto” que o outro, *exceto no que tange a uma prática específica*. Por exemplo, se você está fazendo uma prática com cinco elementos, você usa um sistema de cinco chakras (ver item #6 abaixo). Óbvio, não? Mas essa pequena e crucial informação ainda não chegou ao yoga ocidental.

Nós apenas começamos a descer pela toca do coelho, Alice. Quer saber mais?

2. OS SISTEMAS DE CHAKRAS SÃO PRESCRITIVOS, E NÃO DESCRITIVOS.

Este talvez seja o ponto mais importante. As fontes em inglês tendem a apresentar o sistema de chakras como um fato existencial, usando linguagem descritiva (como “o *mūlādhāra* chakra está na base da coluna e é vermelho” e assim por diante.) Porém, na maioria das fontes sânscritas originais, não estamos sendo ensinados sobre como as coisas são, mas recebendo uma prática yóguica específica: devemos visualizar um objeto sutil feito de luz colorida, com formato de lótus ou de uma roda que gira, em um ponto específico do corpo, e então ativar sílabas mânticas em seu interior, *com um propósito específico*. Quando você compreende isso, o item #1, acima, faz mais sentido. Os textos são prescritivos – eles dizem o que você deve fazer para atingir uma meta específica por meios místicos. Quando em sânscrito é dito literalmente, de maneira elíptica, “um lótus vermelho com quatro pétalas na base do corpo”, nós devemos compreender que “o yogī deve visualizar um lótus com quatro pétalas...” Veja mais sobre isso no item #5 adiante.

3. OS ESTADOS PSICOLÓGICOS ASSOCIADOS COM OS CHAKRAS SÃO COMPLETAMENTE MODERNOS E OCIDENTAIS.

Em incontáveis sites na internet e livros, lemos que o *mūlādhāra cakra* é associado a sobrevivência e segurança, que o *maṇipūra cakra* é associado à força de vontade e

autoestima e assim por diante. O **yogi bem-informado deve saber que todas as associações do chakras com estados psicológicos são uma inovação moderna e ocidental que se iniciou com Carl Jung**. Talvez algumas dessas associações representem realidades experienciais para algumas pessoas (mas geralmente não sem um processo de *priming*), mas isso certamente não é encontrado nas fontes sânscritas. Há apenas uma exceção, até onde eu sei, que é um sistema de dez chakras para “músicos-yogis”, sobre o qual também escrevi um texto no blog¹. Porém, neste sistema do século XIII, nós *não* encontramos cada chakra associado a uma emoção específica ou estado psicológico; pelo contrário, cada *pétala* de cada lótus/chakra é associada a uma emoção ou estado psicológico distinto, e não parece haver qualquer padrão pelo qual possamos associar uma característica ao chakra como um todo.

Mas isso não é tudo. Quase todas as associações encontradas no *Wheels of Life* de Anodea Judith não tem base alguma em fontes indianas. Cada chakra, Judith nos diz, é associado a uma determinada glândula do corpo, determinadas disfunções corporais, determinados alimentos, um metal específico, um mineral, uma erva, um planeta, um tipo de yoga, uma carta do tarot, uma *sephira* do misticismo judeu e um arcanjo do cristianismo! *Nenhuma* dessas associações são encontradas nas fontes originais. Elas foram criadas por Judith ou por seus professores com base em suposições de similaridades. Isso vale também para óleos essenciais e cristais que outros livros e sites na internet afirmam corresponder a cada chakra. (Devo notar que Judith traz, de fato, alguma informação de uma fonte sânscrita original – isto é, o *Ṣaṭ-cakra-nirūpaṇa*, mais sobre isso abaixo –, em sua descrição dos ‘Símbolos de Lótus’ para cada chakra.)

Isso não quer dizer que colocar um determinado tipo de cristal sobre a sua barriga quando você está tendo problemas de autoestima e imaginá-lo purificando seu *maṇipūra cakra* não fará com que você se sinta melhor. Talvez faça, dependendo da pessoa. Embora essa prática certamente não seja tradicional, e não tenha sido testada

¹ Texto disponível em: <https://hareesh.org/blog/2015/6/14/10-cakra-system-for-musicians>.

através de gerações (o que é, na verdade, o verdadeiro propósito da tradição), deus sabe que há muito mais entre a terra e o céu do que sonha o meu cérebro racionalista.

Porém, como eu vejo, as pessoas devem saber quando o pedigree de uma prática é de apenas algumas décadas, e não de séculos. Se uma prática tem valor, então você não tem necessidade de falsificar sua proveniência, certo?

4. O SISTEMA DE SETE CHAKRAS MAIS POPULAR HOJE NÃO DERIVA DE UMA ESCRITURA ANCESTRAL, MAS DE UM TRATADO ESCRITO EM 1577

O sistema de chakras seguido pelos yogis ocidentais é o que se encontra num texto escrito por um cara chamado Pūrṇānanda Yati. Ele completou seu texto (o *Ṣaṭ-chakra-nirūpaṇa* ou ‘*Explicação dos Seis Chakras*’, que na verdade é o capítulo seis de uma obra maior) no ano de 1577, e ele foi traduzido para o inglês exatamente 100 anos atrás, em 1918.

Em uma versão anterior deste post, eu chamei esse sistema de sete chakras de ‘tardio e um pouco atípico’. Mas após alguns dias, me dei conta de que eu estava enganado - uma versão simplificada do mesmo sistema de sete chakras é encontrada em um texto pós-escritural do século XIII chamado *Śāradā-tilaka*, embora esse texto reconheça abertamente que há múltiplos sistemas de chakras (como sistemas de 12 ou 16 chakras). Também encontramos uma versão mais elaborada do mesmo sistema na *Śiva-samhitā*, do século XIV ou XV. No entanto, a maioria dos yogis (tanto indianos quanto ocidentais) conhecem o sistema de sete chakras por meio do texto de Pūrṇānanda do século XVI, ou, na verdade, a partir da tradução um tanto incoerente e confusa feita por John Woodroffe [sob o pseudônimo Arthur Avalon] em 1918. Mesmo assim, é verdadeiro dizer que este sistema de sete chakras foi dominante pelos últimos quatro ou cinco séculos. Mas é também verdadeiro que o sistema ocidentalizado de sete chakras que você conhece é baseado na interpretação de ocultistas do início do século XX, com base em uma tradução falha de uma fonte não-escritural. Isso não o invalida de maneira alguma, mas serve bem para problematizar sua hegemonia.

Note que o Budismo Tântrico (o budismo tibetano, por exemplo) frequentemente preserva formas mais antigas, e de fato o sistema de cinco chakras é dominante nessa tradição (assim como o mais fundamental sistema de três bindus). Para um exemplo típico de sistema de cinco chakras como encontrado no Tantra clássico, veja a página 387 do meu livro, *Tantra Iluminado*².

5. O PROPÓSITO CENTRAL DE UM SISTEMA DE CHAKRAS É FUNCIONAR COMO UM MODELO PARA A PRÁTICA DE NYĀSA - INSTALAÇÃO DE MANTRAS E DIVINDADES

No que toca os autores originais, o propósito central de qualquer sistema de chakras é de funcionar como um modelo para *nyāsa*, o que significa a instalação de mantras e divindades/energias em pontos específicos do corpo sutil. Então, embora milhões de pessoas sejam fascinadas com os chakras hoje em dia, quase ninguém está praticando de acordo com o seu propósito original. E tudo bem. Novamente, não estou aqui para dizer que ninguém está errado, somente informar aqueles que estiverem interessados.

As características mais marcantes dos sistemas de chakras nas fontes originais são as três seguintes: 1) que os fonemas místicos do alfabeto sânscrito estão distribuídos entre as “pétalas” de todos os chakras no sistema, 2) que cada chakra é associado especificamente a um dos Grandes Elementos (Terra, Água, Fogo, Ar e Espaço) e 3) que cada chakra é associado a uma ou mais divindades Hindus. Isto porque o sistema de chakras é primeiramente, como eu disse, um modelo para *nyāsa*. Em *nyāsa* (literalmente “colocação”), uma sílaba mântica específica é visualizada em uma localização específica, em um chakra específico no corpo energético, enquanto seu som é silenciosamente [ou mentalmente] entoado.

Claramente, esta prática está inserida em um contexto cultural específico em que os sons da ancestral língua sânscrita são vistos como vibrações especialmente poderosas,

² Disponível em português, editora Tilakam.

que podem constituir uma parte eficiente de uma prática que traz a liberação espiritual ou benefícios mundanos através de meios mágicos. Invocar a imagem e energia de uma divindade em um chakra específico também é culturalmente específico, embora, se os yogis ocidentais vierem a compreender o que essas divindades representam, a prática poderia também ser potencialmente significativa para eles, embora provavelmente não tão significativa como para alguém que cresceu com essas divindades como ícones paradigmáticos impressos em seu subconsciente.

Essas assim chamadas Divindades Causais (*karana-devatās*) figuram amplamente em todos os sistemas de chakras. Essas divindades formam uma sequência fixa: do chakra mais básico ao mais elevado, elas são Ganesha, Brahmā, Viṣṇu, Rudra, Īśvara, Sadāśiva, e Bhairava, com o primeiro e o último destes frequentemente ausentes, dependendo do número de chakras do sistema. A última divindade na lista de Divindades Causais não é, jamais, a divindade considerada suprema no sistema, pois essa divindade (quem quer que seja) estará sentada no trono do *sahasrāra*, ou lótus de mil pétalas, no topo da cabeça (que tecnicamente não é um chakra, uma vez que, por definição, os chakras são perfurados ou atravessados pela Kuṇḍalinī em sua subida ou descida, enquanto *sahasrāra* é sua destinação final e morada). Assim, Bhairava³ (a forma mais esotérica de Shiva) só é incluído na lista de divindades causais quando ele é transcendido pela Deusa, sendo esta a divindade suprema em muitos desses sistemas.

6. OS MANTRAS-SEMENTES QUE VOCÊ PENSA QUE ACOMPANHAM OS CHAKRAS NA VERDADE ACOMPANHAM OS ELEMENTOS QUE SÃO INSTALADOS NESSES CHAKRAS

Isso é mais simples do que parece. Você foi ensinado que o mantra-semente (*bīja*) do *mūlādhāra chakra* é LAM. Bom, não é. Não em nenhuma fonte sânscrita, nem mesmo

³ Sobre o tema, vide texto disponível em: <https://hareesh.org/blog/2015/12/20/the-divine-name-bhairava-tantraaloka-195-100>.

na confusa exposição sincrética de Pūrṇānanda. E o mantra do *svādhiṣṭhāna* chakra não é VAM. Peraí, o quê?!

É simples: LAM é o *mantra-semente do elemento Terra*, que na maioria das práticas de visualização de chakras é instalado no *mūlādhāra*. VAM é o *mantra-semente do elemento Água*, que é instalado no *svādhiṣṭhāna* (pelo menos no sistema de sete chakras que você conhece). E assim por diante: RAM é a sílaba para o Fogo, YAM para o Ar, e HAM para o Espaço. (Todos estes *bījas* são consoantes nasalizadas; mas devo dizer que, no Yoga Tântrico esotérico, os *bījas* elementais têm sons de vogais, que são considerados muito mais poderosos.)

Então, a questão central é que os mantras fundamentais associados com os cinco primeiros chakras em todos os sites que você pode buscar no Google **na verdade não pertencem a esses chakras, mas sim aos cinco Elementos instalados neles**. É importante saber disso caso algum dia você queira instalar algum desses elementos em um lugar diferente. “O quê? Eu posso fazer isso?” Claro. Na verdade, em diferentes linhagens tântricas, encontramos os Elementos instalados em lugares muito diferentes. Por exemplo, a linhagem Saiddhāntika instala a Terra no chakra cardíaco. Qual você imagina que seria o efeito nos seus relacionamentos de instalar *sempre* o elemento Ar no seu centro cardíaco? (Lembre-se, YAM é o mantra do Ar/Vento, não do *anāhatacakra*, cujo mantra intrínseco é, na verdade, OM. Você já reparou que os yogis modernos americanos têm relacionamentos realmente instáveis? Será que isso tem a ver com repetidamente invocar o Ar para a região do coração? Nahhh... (posso ser engraçado agora porque só uma parcela muito pequena dos meus leitores chegou até aqui.) Então talvez você queira instalar alguma Terra no seu coração de vez em quando, porque aterrar é bom para o seu coração. Nesse caso, pode ser útil saber que LAM é o mantra do elemento Terra, e não do *mūlādhāra cakra*.

Além disso, a maioria das figuras geométricas hoje associadas com os chakras também pertence na verdade aos Elementos. A Terra é tradicionalmente representada por um quadrado amarelo, a Água por uma lua crescente prateada, o Fogo por um triângulo vermelho apontando para baixo, o Ar por um hexágono ou estrela de seis pontas, e o

Espaço por um círculo. Então quando você vê estas figuras inscritas em ilustrações sobre os chakras, você agora saberá que elas são, na verdade, representações dos respectivos elementos, e não de uma geometria inerente ao próprio chakra.

O que nos traz à última questão: mesmo uma fonte sânscrita pode estar equivocada. Por exemplo, no texto do século XVI de Pūrṇānanda, que é a base do sistema moderno e popular de chakras, os cinco Elementos são instalados nos primeiros cinco chakras de um sistema de sete chakras. Mas isso na verdade não funciona, porque, em todos os sistemas clássicos, o elemento Espaço é instalado no topo da cabeça, já que é aí que o yogī experiencia uma abertura expansiva para a espacialidade infinita. O espaço é o elemento que se dissolve no infinito, então ele deve estar no topo da cabeça ou próximo dele. Eu especularia que Pūrṇānanda localizou o elemento Espaço na garganta porque viveu em um momento de crescente aderência a dogmas da tradição recebida sem reflexão crítica (uma tendência que, infelizmente, se manteve), e a tradição que ele recebeu foi da linhagem Kaula, em que as Divindades Causais clássicas foram removidas para abrir espaço para divindades posteriores e mais elevadas (especificamente Bhairava e a Deusa), e os elementos foram mantidos acriticamente fundidos às divindades e chakras com que eram anteriormente associados. (Dito isso, o fato de que Pūrṇānanda se baseou em fontes da linhagem Kaula não é óbvio, porque ao invés da Deusa entronada no *sahasrāra*, como seria esperado num sistema Kaula de sete chakras, encontramos Paramaśiva, possivelmente devido à influência do Vedānta⁴.)

Nós apenas começamos a adentrar a superfície desse assunto. Não, não estou brincando. É realmente complexo, como você pode perceber se der uma olhada na literatura acadêmica, como os trabalhos de Dory Heilijgers-Seelen ou Gudrun Bühnemann. Se é necessária uma paciência fora do comum para se concentrar e

⁴ Veja as perguntas e respostas na seção dos comentários no texto do blog para mais sobre esse tema.

mesmo conseguir ler esse tipo de texto, imagine para produzi-los. Então aqui está o que eu espero que será o resultado deste texto: alguma humildade. Um pouco menos de reivindicações de autoridade quando falamos de assuntos realmente esotéricos. Quem sabe menos professores de yoga tentando dizer aos seus alunos que sabem do que se tratam os chakras. Puxa, com catorze anos de sânscrito nas costas eu me sinto humilde diante da complexidade das fontes originais.

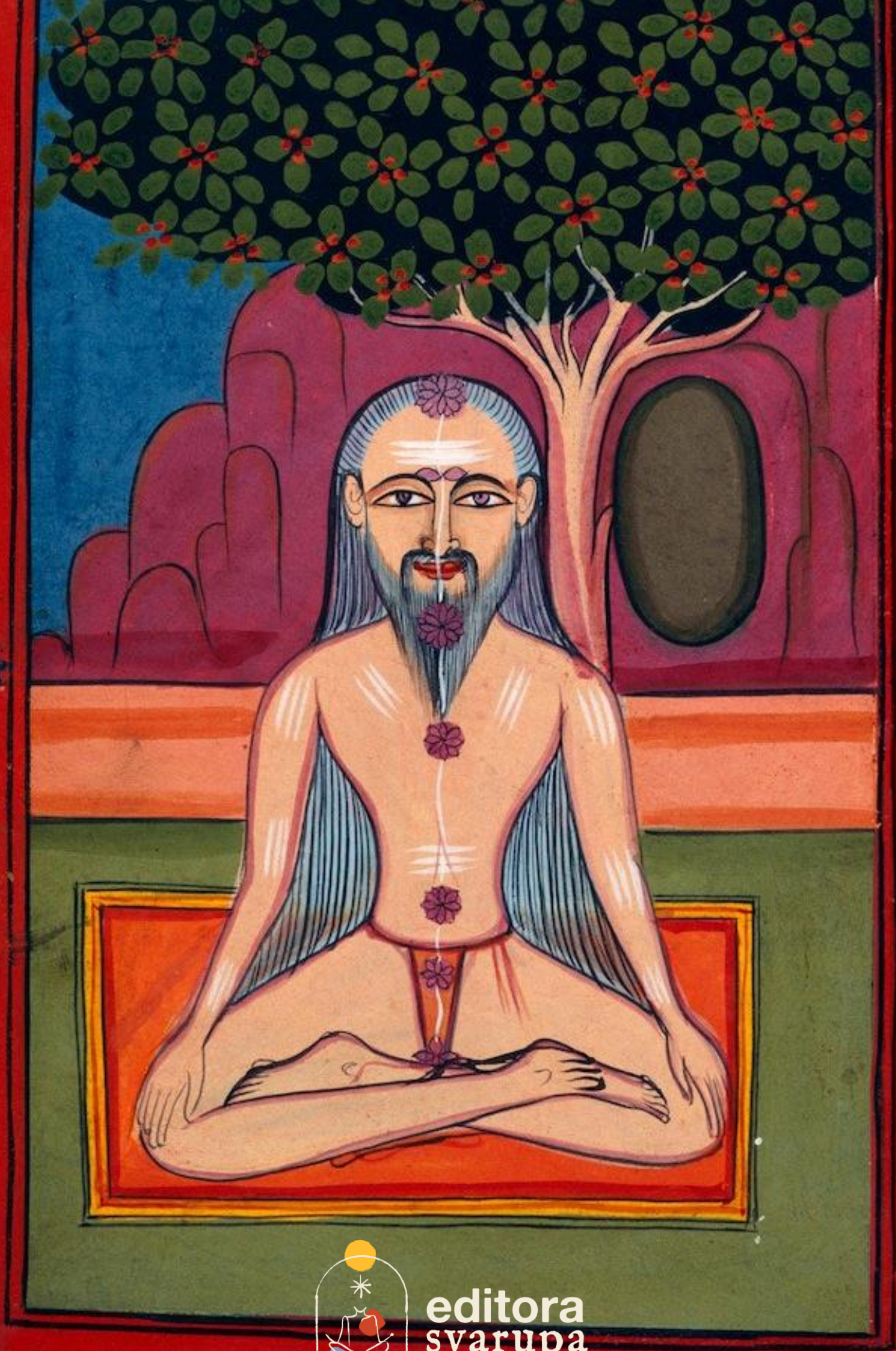
Muito disso ainda é território inexplorado. Então quando se trata de chakras, não diga que você sabe. Diga aos seus alunos que qualquer livro sobre os chakras apresenta apenas um único modelo possível. Virtualmente nada escrito em inglês é realmente autoritativo para praticantes de yoga. Então por que não ser um pouco menos rígido com as crenças que você adquiriu sobre o yoga, enquanto você continua aprendendo? Vamos admitir que ainda não compreendemos completamente essas práticas antigas do yoga; e ao invés de procurar ser algum tipo de autoridade numa versão reduzida e simplificada delas, você pode convidar a si mesmo e seus alunos a observar mais claramente, mais honestamente, com mais cuidado e com menos julgamento, as suas próprias experiências interiores.

Afinal, tudo que qualquer mestre do Yoga em algum momento já experienciou está em você também.

~ ~ ~

Postscript: Este texto está tendo uma circulação muito maior do que a que eu estou acostumado e algumas pessoas que não me conhecem interpretam meu tom de brincadeira como arrogância ou sarcasmo. Na verdade, eu tenho um coraçãozinho bem mole. Por favor, leia a minha bio⁵ e avalie as minhas qualificações para fazer as afirmações que faço.

⁵ Disponível em: <https://hareesh.org/about/>.



editora
svarupa